

unico era accusar o magistrado perante a côrte, e puni-lo com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas ¹¹ como as almas dos devotos; Boileau ¹² o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, s. ex.^a ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de braço, e, com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho de Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate ¹³ da cilada, ou, descuidado, viu accumular a tormenta sem a perceber? Ignora-se.

O que é certo é que o bispo, apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exagerando a offensa e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desaforado, e outros mil que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe atravez dos patibulos da praça de Belem e dos rigores de um ministro inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e, mais que tudo, a qualidade do delicto preveniram-no a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho ¹⁴, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*.

«Póde v. ex.^a retirar-se tranquillo», disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira; e dei-

tando-lhe a historica luneta : « Sua Magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte, e assistirá ao desaggravo.»

Pronunciadas estas palavras com toda a solemni- nade, e despedido o bispo com summa cortezia, tratou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a re- paração, ou antes, a promettida lição.

Um aviso da secretaria de Estado, com a clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, man- dando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a recear que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das con- sequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indis- cretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal e não havia reme- dio senão obedecer.

Saiu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lis- boa, onde pouco depois recebeu ordem para, em certo dia de manhã, estar em casa do ministro, não se es- quecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

Assim que entrou na sala, o Diniz sobresaltou-se. Deante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de s. ex.^a, sentado ao lado do marquez ! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante e me- neou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceri- monia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correccões despoticas, tão usuaes no seu go- verno.

« Queira tomar uma cadeira, e ouvir com o respeito devido, o que s. ex.^a tem que dizer ! » observou o mi- nistro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, accrescentou : « Queira v. ex.^a fallar ! »

Quem não cabia em si de jubilo era o bispo ¹⁵. To-

mando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrazoado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar. «Muito bem!» acudiu o marquez. «Agora, que já ouvi a v. ex.^a, pede a justiça que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?»

«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se.

«Tenha a bondade de lêr!» continuou o ministro.

«Deante de s. ex.^a!...» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

«Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; «s. ex.^a é um ministro de Deus, e deseja ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçamos esses atrevimentos, com que v. m., pelo que me consta, e o sr. bispo affirma, não receou offender a Deus...»

O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia colerica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto, resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dois ouvintes, e em voz firme, carregando e alliviando as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedianas faces de s. ex.^a

Houve alguns instantes ¹⁶ de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste do martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras ¹⁷.

O marquez escutava, medindo às vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a vítima com disfarce por debaixo das palpebras.

Mas o canto II ia acabando e o III principiava.

Todas as fúrias do orgulho, da vaidade e da desesperação se desencadearam no peito de s. ex.^a Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos com que ia acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas tálares, ou arremetiam contra o solideo, innocente naquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais feline, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da bôca, ao passo que, levantando meio corpo, dava a entender ¹⁸ que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas era superior á sua forçada longanimidade!

«Veja v. ex.^a! Veja!» exclamava com a voz estrançada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, emquanto os olhos, como dois punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquilisasse, assestava lhe a luneta mais de alto, e, franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

Durou esta incrível comedia até ao IV canto. Ahi a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

A descripção dos agouros da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungira o poeta, acabaram de transformar a cabeça ao bispo, que se pôz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, extendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade numa gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder. O poeta, que sem atinar porque, se levantara tambem, lia no meio das contorsões e dos arrancos da ira episcopal, estes versos maliciosos, que redobravam a hilaridade do marquez :

Finalmente, ao montar a carruagem,
Batendo um grão besouro as negras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas,
E um pardal lhe estercoou no tejadilho.

Não podia ir mais por deante a scena sem degenerar de todo em farça!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e, com toda a solemnidade de sua magestosa presença, disse-lhe: «Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. ex.^a... Este poema... esta satyra é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha-de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o vêr sair, o marquez de Pombal levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e accrescentou :

«Então que é isto, sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar d'ares... Não quero que s. ex.^a diga que el-rei meu senhor desattende as mitras... Vá para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz foi. Passados dias entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

Luiz Augusto Rebello da Silva (1828 1871).

¹ § 121, *Obs*, 1 c. § 168,3). ² § 192, b. ³ combinaram publicar uma sentença. ⁴ do bispo. ⁵ attendido ⁶ § 248, a. e § 240. ⁷. *Elpino nonacriense*, nome arcadico de Antonio Diniz. ⁸ panno em que se pintam os quadros; aqui, *fig.* significa assumpto. ⁹ os conegos. ¹⁰ escripto em que se accusa alguem de acções indignas ou ridiculas. ¹¹ proprio de feras, cruel. ¹² satyrico francez; pronuncie *Buáló*. ¹³ noticia, annuncio. ¹⁴ grammatico grego. E' synonymo de censor. ¹⁵ § 248 a); veja tambem a *Obs*. ¹⁶ § 119, a. ¹⁷ presidio em Africa. ¹⁸ § 229, b.

78 — O corvo e a raposa (pag. 182 na 4.^a ed.)

Trazia um queijo furtado
Faminto corvo agoureiro,
E foi com elle no bico
Poisar em alto sobreiro.

Uma raposa, que o viu,
Disse: — «Quem furta a ladrão,
«Segundo um velho dictado,
«Tem cem annos de perdão;

«Se ir-lhe ao poleiro não posso,
«Porque não poisou mais perto,
«Valha-me o ardil ¹ da lisonja,
«Laço onde cae tanto experto.»

Depois, chegando ao sobreiro,
No corvo os olhos fitou,
E, fazendo-lhe uma venia,
D'esta sorte lhe fallou:

— «Guardem-te os céos, ave excelsa,
 «D'aguia real viva imagem!
 «Que bello talho ² que tens!
 «Que linda côr de plumagem!

«E' dôr que o céu não quizesse
 «Fazer-te amavel em tudo;
 «Fôras & assombro da terra
 A teres ³ voz; mas... és mudo!...»

Logo ao nescio de mostrar-lhe
 Que tem voz cresce o desejo:
 E, um grasno soltar querendo,
 Abre o bico e cae-lhe o queijo!

Eis a raposa lh'o apanha;
 Come-o e diz-lhe: — «Reconhece,
 «Corvo estulto ⁴, que a lisonja
 «Sempre é filha do interesse.

«Vive á custa o lisonjeiro
 «De quem préza adulações;
 «Comi o teu queijo, e em paga
 «Te dou tão sabias lições.»

Belchior Mancel Curvo Semmedo (*Belmiro Transtaganô*, 1763-1838).

Traduzido de La Fontaine

¹ astucia, finura. ² ou talhe, estatura, a feição do corpo.
³ § 230. ⁴ nescio, tolo.

79 — Diogo de Couto (pag. 177 na 4.^a ed.)

O grande historiador do imperio portuguez na Índia nasceu em Lisboa no anno de 1542. De mui moço entrou no serviço do infante D. Luiz, de quem seu pae era antigo familiar ¹. Foi mandado educar nas boas le-

tras pelo infante, com cujo filho, o celebre D. Antonio, depois prior do Crato, estudou philosophia no mosteiro de Bemfica, onde então a ensinava o veneravel Bartholomeu dos Martyres.

A morte do infante D. Luiz cortou em flôr as esperanças de Couto ; e a de seu pae, que brevemente succedeu depois da do infante, o fez deixar ², na idade de quatorze annos, os estudos, embarcando-se para a India, onde militou oito annos. Passados estes, voltou a Portugal, e de Lisboa tornou a partir para a Asia, despachado em recompensa dos seus serviços. Em Gôa, no repouso da vida domestica, Diogo de Couto novamente se entregou ao estudo ; e a fama do seu saber, espalhando-se pela India, soou em Portugal. Tempos tinham decorrido ; e a perda de D. Sebastião em Africa collocára no throno portuguez Philippe II. Este principe nomeou Couto chronista-mór do Estado da India. Para que continuasse o que até então se tinha publicado das *Décadas* ³ de João de Barros, isto é, as tres primeiras. Começou Diogo de Couto por escrever a historia dos successos da India desde o principio do reinado de Philippe, que assim lh'o ordenára ; mas foi justamente esta parte d'aquella historia que só no fim do seculo passado se imprimiu ⁴. Depois de escrever esta decada, que é a decima, Couto escreveu a quarta, sexta, e setima, que se publicaram em sua vida. A oitava, que é propriamente um só livro, appareceu em 1673, tendo-se estampado em Paris, no anno de 1645, metade da duodecima. Um fragmento ⁵ da nona foi dado á luz, com as já mencionadas, em 1736. Na edição de Barros e Couto, publicada em volumes de 8.^o no fim do seculo passado, appareceu, como dissemos, a decima decada, e uma breve relação dos successos que se deviam conter na undecima, a qual inteiramente se perdeu.

Nas decadas o estylo de Diogo de Couto é claro e corrente. Não tem, na verdade, aquelles arrojados de genio que se encontram nas decadas de Barros, mas é

porventura mais egual do que o d'elle. Quanto á disposição da historia, averiguação dos acontecimentos, descripção dos costumes e dos logares, leva Couto conhecida vantagem a Barros, cujos erros ás vezes emendou. A época historiada por Couto abraça o longo periodo que começa com o governo de Lopo Vaz de Sampaio, e acaba com o vice-reinado de D. Francisco da Gama, isto é, o decurso de perto de oitenta annos, em que a nossa gloria na India subiu á sua maior altura, de que já nos ultimos dias de Diogo de Couto tinha decaído.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ Creado, fámulo. ² § 228, e 237, *d.* § grupo de dez (década de dias: os mezes de tres décadas etc.); dez partes em que alguns auctores dividiram suas obras; d'ahi o titulo d'essas mesmas obras (*G. deka. decalitro, decagramma, decametro, decastere, decassyllabo, decalogo* (*logos*, palavra, discurso: os dez mandamentos da lei de Deus), *decápodes* (*podes*, pé: crustaceos que têm cinco pares de membros ambulatorios), *decaedro* (*edra*, face: solido de dez faces), *decágono* (*gonia*, angulo: figura de dez angulos), *pentadecágono* (*pente*, cinco), ou *quindecágono* (*L. quinque* cinco, figura de 15 angulos). ⁴ § 192, *b.* ⁵ pedaço, trecho, parte; *fracção* (que é da mesma origem; *L. FRANGERE*, quebrar, ant. *franger*; supino *FRACTUM*). Cp. anfractuoso, fracção, fractura, fraco, fragil, naufragio—*naufragium* (*navem*, nau, navio, *frangere*) infringir, refringente, refractario (propr. que quebra a promessa, o pacto), saxifraga, ou saxifragia (*L. saxum*—seixo, pedra: planta tambem chamada *calcitrava* a que se attribue a virtude de desfazer a pedra da bexiga). Forme os deriv. e comp. de *con, dif. (dis), in. re.* ⁷ § 248.

80 — A Choça de Men Rodrigo (pag. 191 na 4.^a ed.)

Que triste vida na choça,
 Que funda melancolia,
 Que rostos tão macerados,
 Que suspiros abafados
 Cada noite e cada dia!

Noites de eterna vigilia,
 Dias curtos para a lida,
 Recordações da opulencia,
 Amarguras da indigencia...
 Que vida, Jesus! que vida!

Dorme o velho em cama... esplendida
 Para uma casa tão nua;
 Anninhas numa cadeira;
 Men Rodrigo, numa esteira,
 Faz tranca à porta da rua.

Sobre a mesa carcomida,
 Um santo Christo singelo;
 Aos pés, a Virgem das Dôres,
 Que a pobre adorna de flôres
 Com fervoroso desvelo.

Junto da mesa a costura;
 Uma roseira á janella;
 Loureiro na cantareira;
 E, na varrida lareira,
 Tres achas e uma panella!

Saco e bordão de mendigo,
 Suspiros a toda a hora;
 E este cheiro de limpeza,
 Que é o aceio da pobreza,
 Quando a virtude lá mora.

Tanto que a aurora se erguia,
 Ajoelhava a costureira,
 Bemdizia o Padre-nosso,
 Fazia o minguado almoço,
 Regava a sua roseira.

Almoçados os dois velhos,
 Um, sobraçando a sacola,
 Saúda os seus companheiros,
 E lá vae, dias inteiros,
 Para os tres pedindo esmola.

D. Martinho vae sentar-se
 Bem chegado á costureira,
 Como o roble¹ fulminado²,

Em terra, sêco, prostrado,
 Á sombra d'uma roseira.
 E ora attento ao seu trabalho
 A filha abraça risonho,
 Ora lhe falla de gloria
 C'oa perturbada memoria
 De quem desperta de um sonho.
 Depois, as sombras confusas
 Do seu passado martyrio
 Toldam a luz cambiante³
 D'essa razão vacillante,
 E cresce, e cresce o delirio!
 Sacode os membros moidos,
 Rouqueja-lhe a voz quebrada,
 E só lhe acalma o tormento
 O cantar saudoso e lento
 Da filha tão consternada.

Thomaz Ribeiro (*escriptor contemporaneo*).

1 carvalho (do L. *robur*). São da mesma familia: robleto, robor-*ação, -ado, -ante, -ar, -ativo, -edo*; robust-*o, -ecer, -ez, -idão*; corrobor-*ar, -ação, -ado, -ante, -ativo*.² ferido de raio (do L. *fulmen*, raio). Cap. Fulmin-*ação, -ar-ado, -ante, -ato, -atorio, -eo, -ico, -ifero, -ivomo, -oso*.³ que muda de côr (do baixo L. *cambiare* mudar, trocar). Camb-*iador, -ial, -iante, -iar, -io, -ista*.

81 — Morte de um lobo (pag. 173 na 2.^a ed.)

Uma noite de novembro caía neve, e os aspectos do céu profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes¹, e um luar álgido², que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida de uns lagos de prata³ fundida. O padre vestia polainas de saragoça⁴ assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlata, que lhe abafava as orelhas.

Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina⁵ e caminhava curvado com as mãos nas algi-beiras e os olhos vigilantes nas gargantas⁶ dos cêrros. Uivos longiquos de lobo ouviam-se⁷ e punham-lhe vibrações⁹ na espinha¹⁰ e um terror grande naquella immensa corda¹¹ de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado¹² de rochedos que pareciam resvallar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto para lá da espinha¹³ do cêrro. Tirou a clavina do so-vaco, e livido, com a sensação estranha do figado des-pegado, metteu o dedo trememente, automatico, no gati-lho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomara¹⁴ na lomba¹⁵ do outeiro, recortando se esba-tida¹⁶ no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra; parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração e surpresa. Depois, descaiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica¹⁷. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Fez-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cêrca! Ahi vae lobo!» Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica¹⁸ dos sons reflexos¹⁹, olhava cres-pa, espavorida para o lado em que repercutiam os bra-dos. Ergueu-se e desceu mui de passo²⁰, com uns va-gares ironicos, com a cauda de rojo e o dorso erriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha fle-xuosa²¹ do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicio estava mais perto que a sua aldeia, e para aquelle lado latiam cães de um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquie-tação das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso²² do

outeiro; ganhara animo; bebera uns tragos de aguardente de uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar²³ o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da criação, segundo affirmativas de theologos²⁴ que nunca viram lobo. Do topo²⁵ olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se²⁵ um algar²⁷ emmaranhado de matto bravio e espesso onde se embrenhara. Estugando²⁸ o passo, ganhou uma chã²⁹ iadeada de extensas leiras³⁰ de feno, alvejantes como um extental de lençoes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grande passos, com a cabeça alta atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema³¹ do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o vallado de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando, com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou paralelo com o lobo que o farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo³², o rei da criação, que o³³ era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra³⁴ pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado³⁵ pela espadua até ao coração, descaiu sobre um dos quadris, escabujou³⁶ em roncões frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ Rutilantes, luzentes. ² frio como géllo. ³ § 153. ⁴ Saragoça, é o nome de uma cidade de Hespanha e capital da provincia do mesmo nome; porém, aqui significa um tecido grosseiro de lã escura, a que tambem se chama briche. ⁵ ou carabina, especie de espingarda curta. ⁶ passagem estreita e apertada entre dois montes. ⁷ § 192, b). ⁸ 130 a). ⁹ estremecimentos. ¹⁰ aqui significa a columna vertebral, o espinhaço. ¹¹ série. ¹² que ficou em logar apertado; mettido em talisca ou fenda. ¹³ espinhaço, dorço. ¹⁴ mostrara-se ou apparecera em ponto elevado, extremo. ¹⁵ lombada de um monte. ¹⁶ esbater é dar ás sombras e ao claro escuro de uma pintura a gradua-

ção necessaria para fazer sobresair as figuras. ¹⁷ pachorrenta. ¹⁸ sciencia que tem por objecto o estudo das propriedades dos corpos e das leis que tendem a modificar o seu estado ou movimento, sem comtudo lhes modificar a natureza. ¹⁹ reflectidos. ²⁰ devagar, passo a passo. ²¹ tortuosa. ²² monte ou cêrro alcantilado. ²³ encarar de frente. ²⁴ o que sabe ou estuda theologia. ²⁵ a parte mais elevada. ²⁶ carcavar-se significa escavar-se como *carcava*, que é um fosso profundo para defeza de uma praça. ²⁷ cova, caverna concavidade subterranea. ²⁸ apressando. ²⁹ planicie, chão. ³⁰ elevação de terra entre dois sulcos ou regos. ³¹ limite, linha de separação. ³² tapume, sebe de matto travado. ³³ § 189, 3). ³⁴ desembaraçada, rapida. ³⁵ atravessado, ³⁶ estrebuchou, debateu-se com os pés e com as mãos.

82 — Padecer e soffrer (pag. 193 na 4.^a ed.)

Padecer é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, pesar, emfim, qualquer mal physico ¹ ou moral ². Soffrer é supportar todos esses males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não pôde haver soffrimento sem padecimento.

Quando dizemos fulano soffre do peito ³, asseveramos uma coisa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle pôde padecer do peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — padece do peito.

«A caridade é paciente nas tribulações» ⁴ — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto ⁵ desenganado ⁶, diz, fallando das affrontas ⁷ que os phariseus fizeram a Christo: «Faltava-lhe este complemento de inteira paciencia, que era *soffrer, padecendo immenso.*»

E mais familiarmente: a doutrina christã manda-nos soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padeceremos, e não, soffreremos.

Quando o verbo soffrer se emprega em acepção⁸ translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo⁹.

A. da Silva Tullio (1818-1883).

¹ material corporeo. ² que pertence ao dominio do espirito, da intelligencia (por opposição a physico ou material. ³ § 145. *Obs. 1.* ⁴ aflicções, adversidades, trabalhos, perseguições. ⁵ texto são as palavras de que consta algum livro ou escripto. Aqui tem a acepção de auctoridade. ⁶ franco, decidido, ás direitas. ⁷ injurias. ⁸ sentido em que se toma qualquer palavra ou phrase; intelligencia interpretação que se lhe dá. ⁹ palavra, construcção grammatical ou locução imitada da lingua franceza. A França chamava-se Gallia em latim.

83 — O passeio (pag. 197 na 4.^a ed.)

SATYRA

(*Excerptos*)

O bom Democrito¹ ria
Do que a nós nos causa dôr;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós tambem, senhor,
Fazer o² que elle fazia:

Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos;
E, com alchimia³ segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura.

Quando vierdes ⁴, então
Correremos a cidade ;
Uns que vêm, outros que vão :
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão.

Veremos o vão peralta ⁵
Calcando a importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira ⁶ de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta ;

Aos cafés iremos vê-lo
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovelo,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapéo de pêlo.

Alli, em regras de dança
Com outros taes conversando,
Dirá que des le creança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França ;

Que gastou grossos dinheiros,
Pois vêr com socego quiz
Cidades, reinos inteiros ;
Jura que, como em Pariz,
Nunca achou cabelleiros.

Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram ;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram,
Muitos termos portuguezes.

Chamará á patria ingrata,
 Murmurará do governo ⁷,
 Que do bom gosto não trata,
 E consente que de inverno
 Haja ⁸ fivellas de prata.

Em dois minutos emenda
 O mundo que vae perdido;
 E quer que com elle aprenda
 Em que quadra ⁹, e em que vestido
 São proprios punhos de renda.

Carregando a sobancelha,
 A fallar na historia salta;
 E logo da França velha
 Reconta o pobre peralta
 Coisas que pescou d'orelha.

.....

Riremos do seu estudo,
 Porque só o tem mostrado
 Em ter chapéo guedelhudo,
 Em ter canhão cerceado ¹⁰,
 E em pôr de mais um canudo ¹¹.

Iremos ouvir mil petas,
 Quando mais o sol se empina,
 Vendo acerrimos jarretas,
 Junto a Santa Catharina,
 Argumentando em gazetas.

Um quer a cabeça dar
 Se o conde de Estaing ¹² não fez
 Trinta naus desarvorar ¹³;
 Outro levanta em um mez
 O cerco de Gibraltar;

Um, riscando a terra, ensina
Co'a bengala a geographia,
E nos diz com quem confina
Ao poente e ao meio-dia
A Georgia ¹⁴ e a Carolina ¹⁵ ;

Outro aos inglezes deseja
Na armada o fogo ateado,
E pinta em crua peleja
Dez lords fugindo a nado ¹⁶
Sobre barris de cerveja ;

Outro conta os graves damnos
Que, esta gazeta declara,
Tiveram os castelhanos,
E o triumpho inglez compara
C'os triumphos dos romanos ;

Ao seu partido se aferra ;
Diz que, inda co'os mastros rotos ¹⁷,
Ao mundo farão a guerra ;
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca a Inglaterra.

Dão ao Leão furibundo ²⁶
Gibraltar em justa guerra ;
E este concilio profundo,
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo.

Dado emfim o inglez á sola,
Qualquer dos ditos confrades
Na rota capa se enrola,
E, tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola.

D'alli, senhor, voltaremos
 Pelas praças principaes ;
 Que bellas cousas veremos !
 Que famosos editaes
 Pelas esquinas leremos !

*« Chegou Monsieur de tal,
 Chimico ¹⁸ em Paris formado ;
 Traz segredo especial :
 Um elixir approvado,
 Um remedio universal ;*

*Não pretende ajuntar fundo
 Co'os grandes segredos seus,
 E cheio de dó profundo
 Tira, por amor de Deus,
 Os dentes a todo o mundo.»*

D'estas ridicularias,
 E de outras taes murmurando,
 Co'as nossas philosophias,
 A tarde iremos gastando
 Té que dêem Ave Marias.

Então já quando em cardume ¹⁹
 São gente da Fundação ²⁰,
 Como sabeis que é costume,
 E já as vizinhas vão
 Pedir ás vizinhas lume ²¹,

Então, meu senhor, teremos
 Função de mais alto preço :
 A certa assembléa iremos
 De uma gente que eu conheço,
 Onde á vontade riremos.

Feita a geral cortezia ²²,
 Pé atraz, segundo a moda,
 Daremos á mãe e á tia,
 E depois a toda a roda,
 Alto e malo ²³ senhoria.

.....

«Pouco ás filhas fallarei :
 São feias e mal creadas ;
 Mas sempre conseguirei
 Que cantem desafinadas
 «*De saudades morrerrei.*»

Cantando a vulgar modinha,
 Que é a dominante agora,
 Sae a moça da cozinha,
 E deante da senhora
 Vem desdobrar a banquinha.

Na farpada ²⁴ meza logo
 Bandeja e bule apparece ;
 Que mordaes os beiços rogo,
 Pois são trastes que parece
 Que escaparam de algum fogo.

Em bule chamado inglez,
 Que já para pouco serve,
 Duas folhas lança, ou tres,
 Do cançado chá, que ferve
 Com esta a setima vez.

De fatias nem o cheiro,
 Por mais que ás vezes as quiz :
 Que o carrancudo padeiro,
 Cançado de gastar giz,
 Já não dá pão sem dinheiro.

Saíremos de improviso,
Despedidos á franceza ;
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida meza ²⁵
Largar redea á fome e ao riso.

Nicolau Tolentino d'Almeida (1741-1811).

¹ philosopho grego que andava a rir de todas as fraquezas humanas. Heraclito, pelo contrario; lamentava as loucuras dos homens e chorava sempre. ² § 189, 2). ³ nome que na idade media se dava á chimica (sciencia que tem por objecto o conhecimento da natureza e propriedades dos corpos). ⁴ § 209, *Obs.* ⁵ ou *paralta*, pessoa ridiculamente apurada na maneira de trajar e de andar, casquilho, taful, janota. ⁶ rasto ou sulco espumoso que deixa o navio na agua quando navega. No sent. fig. ir na esteira de alguem é segui-lo, ir-lhe no encalço, seguir-lhe a pista, ir em seu seguimento. ⁷ § 146 ⁸ § 119, a). ⁹ qualquer das estações do anno. ¹⁰ no sent. primit., cercear é cortar cerce, isto é, pela raiz, rente. Significa tambem aparar ao redor. ¹¹ feitiço que se dá ás madeixas do cabello enrolando-as em espiral. ¹² almirante francez. Ganhou diversas batalhas navaes aos inglezes na guerra da America. ¹³ desmastrear. ¹⁴ estado da região S. E. dos Estados Unidos, banhado pelo Atlantico, e muito rico de producções naturaes. A capital é Atlanta. Nome, tambem, de uma região na Asia (na Transcaucasia), banhada pelo mar Negro ; faz parte da Russia asiatica. ¹⁵ nome de dois estados dos Estados Unidos (*Carolina do Norte e Carolina do Sul*). Confinam ambos com a Georgia. ¹⁶ § 137. ¹⁷ part. irreg. de romper : quebrados, destruidos. ¹⁸ pessoa que se dedica ao estudo da chimica. Este não passava de um charlatão. ¹⁹ no sent. prop. cardume é uma multidão de peixes, em grandes bandos. Por extensão : bando compacto, ou grande multidão apinhada, que quasi se não póde mover de apertada. ²⁰ o que actualmente se chama arsenal do exercito, em Lisboa. ²¹ no tempo do auctor não havia ainda phosphoros ou *lumes-promptos*. ²² § 241, 2). ²³ a esmo, ao acaso, sem escolha. É loc. adverb. ²⁴ cheia de farpas ou esfarrapada. Refere-se á cobertura da meza. ²⁵ na de D. Martinho de Almeida, a quem era dedicada esta satyra. ²⁶ a Inglaterra.

84 — Aspecto de Lisboa antes de sair a armada de D. Sebastião (pag. 188 na 4.^a ed.)

O aspecto de Lisboa, poucos dias ¹ antes da armada se despedir do Tejo, acha-se retratado em um quadro debuxado com fidelidade por escriptores contemporaneos, e faz-nos recordar as sentidas queixas, que solta o cantor dos *Luziadas* contra a ambição dos poderosos pela bôca do velho, quando as naus de Vasco da Gama iam desfraldar as velas para se engolfarem em mares ignorados, buscando a nova estrada do Oriente.

A cidade parecia outra do que era.

A gente natural e estrangeira enchia as ruas de modo que não havia muitas vezes por onde romper; e por toda a parte não se ouviam ² a miudo senão os tambores e pífanos dos terços, que todos os dias saiam ao campo do exercicio, ou que d'elle se recolham aos quartéis.

O ruido, o alvoroço, e a accumulção de povo e tropa davam á capital uma physionomia nova e guerreira. Nas praças e logares mais frequentados cruzavam-se sem cessar os que se preparavam para a jornada de Africa: e podia tanto a lisonja, que os mais d'elles encobriam a tristeza e a saudade com taes mostras de regosijo e impaciencia, que se diria que em vez de se apromptarem para uma guerra distante e arriscada, partiam para assistir ás festas de um torneio.

A cada passo encontravam-se os tudescos alojados em Cascaes, ou os castelhanos alistados em virtude do que el-rei, auctorizado por seu tio ³, mandara apregoar em Hespanha.

D. Sebastião não descansava um só instante.

Umaz vezes acudia ao campo a vêr os esquadrões, que se exercitavam, correndo por entre as fileiras no meio do pó e do fumo da arcabuzaria; outras apparecia no caes até ás horas da sesta, presidindo á carre-

gação dos galeões, sem chapeo, e tão occupado, que nem sentia o ardor do sol.

A reunião de tantos homens de diversas raças e costumes, produzia, como era de prever, frequentes rixas, chegando a atear-se graves discordias, transformando-se os tumultos em pelejas formaes.

Uma d'estas brigas renhidas travou-se entre os alemães e os portuguezes na praia da Boa Vista, e durou por muito tempo com bastantes feridos de parte a parte; outra feriu-se entre os portuguezes e os castelhanos no Rocio, á porta do hospital, ficando mortos quatro hespanhoes e maltratados mais de vinte.

Finalmente, depois de ter partido el rei e de publicado um bando seu, no qual ameaçava com a pena de morte summariamente a quem na cõrte arrancasse da espada, accendeu-se a lucta mais terrivel de todas, combatendo a gente do duque de Bragança com uma companhia de castelhanos á parte do mar, junto ás casas de Affonso de Albuquerque.

Foram estes os exordios da nova cruzada. A anarchia armava os auxiliares da empreza uns contra os outros, e a cidade inquieta e perturbada colhia até dentro do seu recinto as cruentas premicias das temeridades do monarcha.

Antes de D. Sebastião passar para bordo não se viam ⁴ nas ruas de Lisboa senão brocados, telas de oiro e prata, e tecidos de seda. Os velludos e damascos em pouco se reputavam, quando não eram realçados pelas rendilhas e espiguilhas, torchados, passamanes e almares de oiro. As despezas feitas com vestidos luxuosos e com as armas e ornatos arruinaram até as pessoas, que se diziam abastadas.

A pedraria empregada em tranças de chapéos cravejadas de rubis, diamantes e esmeraldas, em preciosos camafeus, e em medalhas e cadeias de dez e doze voltas; as couras ⁵ bordadas de oiro com botões do mesmo metal; os gibões e colletes sobre telilha ⁶ de oiro com pespontos maravilhosos de cõrte piqué ⁷; os capotes de

damasco⁸ e de setim bandados com barras de velludo e torçaes⁹ compunham um todo tão raro e lustroso, que se deslumbravam os olhos, contemplando-o.

Nos arreios dos cavallos admirava-se egual magnificencia.

Todos os fidalgos levavam esporas de prata esmaltadas de oiro e azul, e os corceis cabeçadas, estribeiras lavradas de mil figuras, nominas¹⁰, peitoraes, cilhas e cordões de borlas de oiro e torçaes. As mochilas com os jaezes e cobertas eram de velludo pelo menos, com muitas franjas de oiro e de prata, e os mandins de velludo. Os escudeiros e pagens que acompanhavam as senhoras trajavam a libré de suas côres; os nobres mais opulentos vestiam os homens de sua casa com gibões e calças de seda.

O duque de Bragança, chegado á capital por fins de maio, trazia parte da sua gente de amarello guardado de encarnado, e a outra parte de vermelho fino com calças e gibões eguaes.

Mas não se reduziam unicamente aos fatos as despesas com que se empenhavam os fidalgos, e se empobreciam os que, por vaidade, presumiam competir com elles.

Para attrahir as vistas do soberano todos queriam apresentar corpos de aço, nos quaes mandavam pintar os braços em campos de diversas côres. A par d'isso, peitos de prova de grande custo; couras e colletes de anta¹¹, couraças de laminas sobre velludo e setim com taxas de oiro e prata, saias de malha, rodellas¹² tauxiadas¹³, adagas¹⁴, montantes¹⁵ e terçados, emfim todo o genero de armas offensivas e defensivas. As tendas de campanha de seda com grimpas doiradas e bandeiras, e os tendilhões¹⁶ para os homens e cavalgaduras não eram menos opulentos, e compunham um quadro aprazivel no momento em que el-rei se embarcou no Terreiro do Paço.

¹ § 125. ² § 119, *i*. ³ Philippe II, rei de Hespanha, filho de Carlos Quinto. (1556-1598). ⁴ § 119 *i*. ⁵ gibão de couro. Agment. couraça. ⁶ Dimin de *téla*, teia, tecido (L. *tela*, contracção de *texela* deriv. de *texere*, tecer). São da mesma familia; *text-o* (*con, pre*), *-il*, teia, tecer, *toilette*. (Ache os deriv.) ⁷ certo ponto de renda. ⁸ Tecido de seda com desenhos em relevo que primeiro se fabricava em Damasco, cidade da Syria (Asia occidental, 150:000 hab.) Cp. adamascado. ⁹ Cordão de varios fios de seda, oiro, etc: ¹⁰ prego doirado, ou peça semelhante dos arreios. ¹¹ pelle de anta, especie de veado. ¹² dimin. de roda. Escudo redondo, broquel. (Tambem se chama assim, ou *rótula*, um osso do joelho). ¹³ com embutidos de oiro ou prata. ¹⁴ especie de punhal que se trazia da parte opposta á espada. (Não confundida com *adarga*, que é escudo oval de couro). ¹⁵ espadagão que se jogava com ambas as mãos. ¹⁶ deriv. de *tenda*.

85 — Adeus, mãe! (Pag. 210, na 4.^a ed.)

— Adeus, mãe! adeus, querida,
 Que eu já não posso co'a vida,
 E os anjos chamam por mim.
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,
 Junta os teus labios aos meus,
 E recebe o ultimo adeus
 Neste ¹ suspiro... não chores,
 Não chores: aquellas dores
 Já sinto acalmar em mim.
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,
 Junta os teus labios aos meus...
 Um beijo — um ultimo... Adeus! —

E o corpo desanimado
 No collo da mãe cahida;
 E ella o corpo... só pesado,
 Só mais pesado sentia!

Não se lamenta, não chora,
 E quasi a sorrir dizia ;
 — Que tem este filho agora,
 Que tanto pesa ? Não posso . . . —
 E uma a uma, osso por osso,
 Com a mão tremula tenta
 As mãozinhas ¹ descarnadas,
 As faces cavas, mirradas,
 A testa inda morna e lenta.
 — Que febre, que febre ! diz : —
 E em tudo pensa a infeliz,
 Tudo o que é mau lhe occorreu,
 Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
 O somno traidor da morte
 Engana o desfallecido
 Que imagina adormecer,
 Assim cançado, esvahido
 De tão longo padecer,
 Já não ha no coração
 Da mãe força de sentir ;
 Não tem já lume a razão
 Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
 Que é tempo de despertar !
 Anda vêr a eça armada,
 As luzes que ardem no altar.
 Ouves ? É a rouca toada
 Dos padres a psalmear ! . . . ²
 Vamos, que a hora é chegada,
 É tempo de o amortalhar.
 E os anjos cantavam :
 Alleluia !
 E os santos clamavam :
 Hossana !

Ao triste cantar da terra
 Responde o cantar do ceu ;
 Todos lhe bradam : — «morreu !»
 E a todos o ouvido cerra.
 E os sinos a tocar ³,
 E os padres a rezar,
 E ella ainda a acalentar
 Nos braços o filho morto,
 Que já não tem mais conforto,
 Mais socego neste mundo
 Que o jazigo humido e fundo
 Onde ha de ir a sepultar.

Almeida Garrett (1799-1854).

¹ § 71, b) *Obs.* ² § 94, *Obs.* ³ leia *salmiar*, o mesmo que psalmodiar (*salmodiar*) : cantar psalmos (*salmos*) nas egrejas, sem inflexão de voz e sempre na mesma nota. Psalmos são certos cantos sagrados. ⁴ § 113

86 — O padre Antonio Vieira (pag. 156 na 4.^a ed.)

Nasceu em Lisboa, e foi baptisado aos 15 de fevereiro de 1608. Presbytero aos 27 annos, começou a prégar em 1635. A sua individualidade oratoria attingiu a maxima celebridade em 1642, prégando no 1.^o de janeiro o sermão anniversario da Restauração. Desde 1652 até 1658 missionou ¹ na America. A evangelisação ² d'este apostolo nos sertões do Pará envolvia intuitos politicos, e até certo ponto sacrosantos : a liberdade dos indios. Não está, porem, ainda liquidado se a theocracia, libertando-os do poder temporal, os conquistava para o reino espiritual, que abrange as coisas tangiveis e positivas d'este mundo. Como quer que fosse, fallecido D. João IV, os colonos de S. Luiz do Maranhão sublevaram-se contra os missionarios pregoeiros da liberdade dos escravos, e o padre Vieira,

improperado pelas vaias dos amotinados, veio preso com os seus corredemptores para o reino. Em 1662 prégou á rainha D. Luiza de Gusmão contra a escravidão dos indios; commoveu até ás lagrimas, e fez que a santa liberdade volvesse á America a estalar as gargalheiras do indio e a cicatrizar-lhe as vergoadas do tagante. Vieira foi eloquente e commovente, como se advogasse a causa da Companhia. Nos seus 14 tomos de sermões, é o unico em que o pathetico não são contrafeito das convulsões da rhetorica. Enfronhado na politica tumultuaria, agitada pelos partidarios da rainha e do principe, e depois pelas facções bandeadas com Affonso IV e com a mulher, resvalou até aos carcerees da Inquisição, mais por odio politico do que pelo fétido heresiarcha do *Quinto imperio*³, e pelas suspeitas do mau sangue de sua avó mulata. Resgatado d'esse opprobrio, resurgiu para os triumphos do pulpito, e readquiriu a principalidade oratoria. Prégou em Roma, na presença de Clemente X, na lingua italiana. Abriu-se-lhe abi monção de gloriosa e socegada vida. Não podia. Provára dos dôces venenos de conselheiro de reis: sentia, em Roma, a nostalgia das mundanidades da côrte portugueza. De Lisboa tornou-se desgostoso á America. Recolheu-se á «Quinta do Tanque», recreio dos jesuitas nos arrabaldes da cidade do Salvador, em 1682. Prégou ainda, poliu e coordenou os seus sermões na avançada idade de 80 annos, e a ponto de perfazer os 90 de idade, e 75 de habito, expirou no collegio da Bahia aos 18 de julho de 1697.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ prégar a doutrina christã. Da raiz *miss* (sup. *missum* do v. *mittere*, enviar), forme os deriv. e comp. com os pref. *ad*, *com*, *de*, *di*, *e*, *inter*, *intro*, *o*, (*ob*), *per*, *pre*, *pro*, *re*, *sub*, *trans*. *Obs.* 1.^a O *i* da raiz *miss* passa para *e* em *promessa* e em *remessa* e seus comp. *Obs.* 2.^a *Mittere* deu em portug. *metter*, que se conserva em alguns comp. (*commetter*, *prometter*, etc.), mas que noutros toma a forma *mittir* (*demittir*, *emittir*, etc.) ² acto e effeito de *evangelizar*, i. e. prégar o Evangelho, Syn. *apostolado*. *Obs.* A terminação *izar*, que tambem se escreve *isar*, vem

do L. *izare, issare*, tirado do G. Este suffixo, que entre os romanos exprimia a principio imitação, acabou depressa por indicar simplesmente a acção (*baptizar acção de dar o baptismo, etc.*) ³ uma das obras do padre Antonio Vieira.

87 — O leão caçando com o burro (Pag. 276 na 3.^a ed.)

Fez annos o leão, quiz ir à caça;
 E a d'elle não costuma ser escassa;
 Não consiste em pardaes, em bagatellas,
 Mas em bons javalis, e em corças bellas.
 O rei dos bosques ¹, pródigo ² e discreto ³,
 Para sortir effeito o seu projecto,
 Chama o burro, animal ⁴ de voz não fina ⁵,
 E o burro vae servir-lhe de buzina ⁶.
 Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos ⁷,
 Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos ⁸
 Crê que ainda os mesmos brutos, que dão provas
 De atroz braveza ⁹, fugirão das covas ¹⁰:
 Não era aquella tropa ainda uzada
 Ao fragor de asinina trovoadá.
 No ar o espantoso orneio emfim resôa;
 Vaga ¹¹ o terror e as grutas despovôa:
 Tremendo, a turba agreste ¹² alonga o passo;
 Foge tudo, e, fugindo, eis cae no laço,
 Onde ¹³ os espera a garra penetrante.
 «Então, que tal, que tal? Não sou chibante?» ¹⁴
 (Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
 Arrogando-se ¹⁵ a gloria da caçada).
 «Trôas (volta o leão), tôas deveras,
 E se não conhecesse quem tu eras,
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava!»
 O burro, se pudesse, resmungava,
 E tinhamos arenga ¹⁶, inda que havia
 Motivo para aquella zombaria.

Pois quem ha-de soffrer, quieto e mudo,
 Que um, que não vale nada, arrote ¹⁷ em tudo ?
 Quem soffrerá que audacia o burro affecte ?
 Character fanfarrão não lhe compete.

Bocage (1765-1805).

¹ o leão. ² acautelado. ³ § 179, b). ⁴ § 109. ⁵ § 153, a). ⁶ § 153 b 2). ⁷ § 142. ⁸ clamores, que neste caso eram os zurros. ⁹ § 154. ¹⁰ § 138. ¹¹ no sentido figurado : espalha-se. ¹² pertencente ou relativo ao agro (campo). Aqui, a *turba agreste* é a multidão dos animaes que andavam no matto ou se abrigavam nas covas e grutas. ¹³ § 195. ¹⁴ valentão, pimpão. ¹⁵ attribuindo a si. ¹⁶ altercação, disputa. ¹⁷ no sentido fig. arrotar quer dizer: bravatear, jactar-se de, blasonar.

88 — Fragmento do panegyrico ¹
 proferido nas exequias do conde de Barbacena em 1854
 (pag. 196 na 4.^a ed.)

Ao mando de Deus, a adversidade, que mora ao pé da fortuna, saiu um dia de sua casa, deu tres passos, bateu rijo á porta do conde ; entrou e disse-lhe : «Sabes o que são decretos de Deus ? Por decreto d'elle venho aqui, para te acompanhar até á morte ! Nesse dia, a fortuna voltou-lhe as costas, e deixou-o a braços com a adversidade. É lei do mundo ! Não ha planta viçosa que esta geada não creste, flôr delicada que este sol não murche, arvore robusta que este furacão não derribe, rochedo duro que este raio não lasque.

Quando a adversidade entrou em casa do conde e a fortuna saiu, a virtude não se retirou. Companheira fiel nos dias da gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. Depois de fazer que não se deslumbrasse com os risos da prosperidade, fez que não succumbisse com os revézes da desgraça. Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o a ser desgraçado com valor.

Este campo, confesso-o, para o illustre finado está matizado de flôres, mas para o orador está coberto de espinhos. Apresenta flôres de alto preço, mas difficeis de colher, e de um aroma que só pôde ser justamente apreciado por um sentido delicado. E deverei eu deixá-las morrer na obscuridade, onde foram tão diligentemente cultivadas? Não: irei com cautela por causa dos espinhos, mas hei-de colhê-las e até espero fazê-las amar. Só peço duas coisas: bom uso do espirito e do coração.

Cada um de vós sabe o que são convicções (não tratemos agora de apreciar o valor d'ellas); as boas louvam-se; as ruins lamentam-se; insulto não se faz a nenhuma. Mas, se antes quereis, desçamos da esphera intellectual para a moral, da região do espirito para a do coração. Cada um de vós sabe o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; e, sabendo isto, sabe egualmente o que será amar uma, jogar as armas, expôr a vida por ella e perdê-la! Juntae ainda às sympathias do amor a firmeza de um character nobre, de um character portuguez. Agora, como fallo a pessoas de espirito subido e coração delicado, peço a todos que decidam (fazendo bom uso de um e outro): que deverá fazer um homem que perde uma causa que ama? Julgo que decidireis comigo, que só lhe restam tres recursos: ou morrer, ou abandonar a causa, ou retirar-se das scenas do mundo. Morrer succumbindo, não pertence ás almas energicas: morrer attentando contra a vida, não pertence ás christãs: abandonar a causa, pede um triplice sacrificio que o mundo todo condemna: o das convicções, o das sympathias², o da firmeza de character. Que restava ao conde, não podendo morrer, nem abandonar a causa? Retirar-se das scenas do mundo. É o que fez, resistindo, ainda nos ultimos annos da sua vida, ao convite que lhe fizeram para acceitar o cargo de ministro e de conselheiro d'estado.

Retirado, pois, das scenas do mundo, e reduzido a

uma vida de obscuridade, aquelle que luzira num theatro esplendido, que assistira aos conselhos dos reis, e que exercera os mais honrosos cargos da republica, devia, porque era homem, sentir as luctas que occasionam similhantes sinistros; mas era nestas luctas, neste fogo lento, neste crysol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar a sua virtude. A adversidade, que abate os espiritos fracos e eleva os fortes, não abateu o seu, elevou-o. O conde adorava os decretos de Deus, vivia resignado; purificava-se, ia sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, occupava-se do infinito e do eterno, dava ao céu um espectáculo digno d'elle. Tal foi o caminho recto por onde ultimamente o conduziu o Senhor, o caminho recto da resignação.

Dizei-me agora: — Não são preciosas as flôres que eu acabo de colher no jardim dos ultimos dias da vida do conde, essas virtudes que elle cultivou, retirado das scenas do mundo? Perdem o valor por serem cultivadas na obscuridade, por serem raras, por serem de poucos? Haverá alguém que não as ame? Só ha-de ser estimavel o que é nosso? Só valente o soldado do nosso campo? Só virtuoso o varão do nosso gremio? Só digno das honras da vida e do tumulo o homem das nossas opiniões? O bom senso não o entende assim: louva a virtude onde quer que ella exista. Todos os que pretendem fazer o panegyrico da firmeza, e a satyra da covardia, invocam o nome de Catão; e Catão não é de todos pelos principios que professava; mas deve ser de todos o character nobre e firme, esse character que tornará immortal a memoria do illustre Barbacena, a quem Deus conduziu sempre por caminhos rectos: como fidalgo pelos caminhos rectos da humildade; como soldado, pelos caminhos rectos da piedade; como homem retirado das scenas do mundo, pelos caminhos rectos da conformidade.

Francisco Raphael da Silveira Malhão (1794-1860).

¹ discurso recitado ou escripto em louvor d'alguem. ² inclinações, tendencias. (G *syn*, ou *sun*, com, e *pathos*, padecimento,

doença, e d'ahi paixão, sentimento). Ctr. antipathico. Cp. ; allopath-ia (*allos*, outro), systema de curativo que emprega remedios contrarios ás doenças, -a, -ico ; antipath-ia (*anti*, contra aversão)-ico ; apath-ia (*a*, privativo) insensibilidade, indolencia, -ico ; homeopath-ia (*homoios*, semelhante) systema de curar em que se empregam medicamentos capazes de produzir as mesmas doenças, -a, -ico ; *pathetico*, commovente ; pathogen-ia, -esia (*genesis*, geração), origem e desenvolvimento das molestias ; patholog-ia (*logos* discurso, tractado) parte da medicina que ensina a conhecer e distinguir as doenças.

89 — O prazer da esmola — (Pag. 233 na 4.^a ed.)

Quando os meus quinze contei,
 Um tio velho que eu tinha,
 Que inda choro e chorarei
 Toda inteira a vida minha,
 Disse-me um dia : — « Olhe cá ;
 Está quasi um homem já ;
 Para que por tal o tomem
 Quero fazer-lhe um presente,
 Com que um homem,
 Com que um homem se apresente. »

Julguei, nesta oração toda,
 Que o tal *quasi* sobejava,
 E sondei ¹ o beijo em roda
 A ver se o buço apontava.
 Extranhara o tratamento !
 E o programma, que um portento
 No tom me estava a indicar,
 Fez-me, logo á introducção,
 Palpitar . . .
 Palpitar o coração !

Fiquei-me desvanecido,
 E, approximando-me vaidoso,
 Ouvi, meio distrahido,
 Entre ufano e curioso,
 O longo fim do sermão.
 O bom do meu tio ² então,
 Acções juntando a promessas,
 Deu-me para meu thesoiro,
 Duas peças . . .
 Duas peças novas de oiro ³.

Esquecendo a gravidade
 E o valor que este incidente
 Outorgára ⁴ á minha idade,
 Dei dois pulos de contente ⁵.
 As peças mirei de perto;
 E não trocava de certo,
 Desdenhando regias sinas ⁶,
 O meu erario ⁷ infantil
 Pelas minas . . .
 Pelas minas do Brazil! ⁸.

A scismar no que faria
 De tão grosso cabedal
 Passei o resto do dia,
 E de noite dormi mal.
 Mo meu somno, a cada instante,
 Via um grupo fulgurante ⁹
 D'effigies ¹⁰ taes, que não sei
 Quem as tivera inventado ¹¹:
 E sonhei . . .
 E sonhei que era morgado ¹².

Apenas rompeu a aurora,
 Posto a pé antes do sol,
 Quiz tomar por alli fóra
 Os meus desejos a rol.
 Ai! que diversos e quantos!

Eram tantos, tantos, tantos,
 Que lhes não achava o fim.
 O mundo tinha um defeito
 Para mim :
 Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente
 Se faria a aquisição
 D'um relógio com corrente,
 Ou d'um cavallo rabão ¹³.
 Como escolhesse ¹⁴ o cavallo,
 Entrei logo a ajazá-lo.
 Mas... mas o relógio!... Aqui,
 Pensando com mais estudo ¹⁵,
 Resolvi...
 Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol-posto,
 Já fresca outoniça ¹⁰ aragem
 De um dia depois d'agosto
 Ciciava ¹⁷ entre a folhagem ;
 Fui ao moinho do outeiro,
 Onde o Domingos moleiro,
 Porque ás vezes me deixára
 Trotar do seu macho em cima,
 Conquistára ..
 Conquistára a minha estima.

De o deslumbrar d'apparatos
 A pia ¹⁸ tenção levava ;
 Mas fui achá-lo nos tratos ¹⁹
 D'uma terçã ²⁰ que o prostrava.
 Cessára o motim festivo :
 Solitario e semi-vivo ²¹
 Jazia o triste no chão,
 Com as faces amarellas
 Num montão...
 No montão das rotas velas !

Chamei-o: não respondia !
 Busquei: tudo lhe faltava !
 Quando eu afflicto saía,
 A pobre moleira entrava.
 Vinha de lidar chorando,
 Negro pão de dois penando ! . . .
 Em tal desarrimo ²² e dôr,
 Tirando a peça primeira,
 Fui-lh'a pôr . . .
 Fui-lh'a pôr á cabeceira ²³.

Que nunca ninguem se esqueça ²⁴
 Da alheia tribulação ²⁵;
 Tinha saudades da peça,
 Mas tinha orgulho da acção !
 Ficára aos sonhos metade
 Entre os braços da piedade.
 Pago, e ufano como um rei,
 Bem que no caso a scismar,
 Caminhei . . .
 Caminhei para o Logar.

Um pardieiro ²⁶ entre rosas
 Havia do Povo á entrada,
 Junto ás ruinas musgosas
 D'uma ermida derrocada ²⁷.
 Vivia nesta casinha
 A tia Anna, — uma velhinha ²⁸
 Que sabia muita historia,
 E m'as contava ao serão,
 Co'a a memoria
 Co'a memoria da afeição.

Em versos um tanto baldos,
 Modulava-me ella ainda
 As trovas de *D. Reinaldos*
 E o romance da *Florinda* ²⁹.
 Fugia a noite apressada

Ao sabor d'essa toada
 Em tão suspenso escutar,
 Que o meu sentido primeiro
 Foi chegar...
 Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
 D'alvas malhas, pêlo nédio,
 Era a sua companheira,
 E também o seu remedio ;
 Conhecia-lhe a canção,
 E vinha comer-lhe á mão,
 Quando não pascia³⁰ á porta.
 Chego, e a falla me abandona !...
 Vejo-a morta...
 Vejo-a morta aos pés da dona !

Dera-lhe o mal de repente ;
 Para morrer alli fôra !
 Meigo o olhar intelligente
 Inda carinhos implora.
 A pobre velha, — coitada —
 Sem voz, tremula e parada,
 Olhava, olhava também,
 Como quem na dôr que encerra
 Mais não tem...
 Mais não tem que vêr na terra.

Nada disse. Que diria ?
 Ha desgraças tão completas
 Que da propria sympathia
 São as vozes indiscretas.
 A velha não se moveu...
 E chorava ! E chorei eu !...
 Que havia determinar,
 Em miseria tão expressa,
 Senão dar...
 Senão dar-lhe a outra peça ?!...

Puz-lh'a mudo no regaço;
 E volvi a passos lentos,
 Apagando, num³¹ só traço,
 Desejos com sentimentos!
 Senti o fausto³² perdido,
 Mas não foi de arrependido!...
 Dissipada já deixava
 A phantastica³³ opulencia,
 Mas levava...
 Mas levava a consciencia!

José da Silva Mendes Leal (1820-1886).

¹ Examinei. ² § 154, *Obs.* 2). ³ Nome de uma antiga moeda portugueza de oiro, que ultimamente valia oito mil réis. ⁴ Concedêra, permittira. ⁵ § 141 e § 185 *a.* ⁶ Destinos, sortes. ⁷ Chamava-se antigamente erario ao edificio onde se guardavam os capitaes ou dinheiros publicos. Aqui significa thesouro. ⁸ Aqui allude ás minas de diamantes ou metaes preciosos, que não são raras naquelle paiz. ⁹ Resplandecente. ¹⁰ Figura, representação de uma pessoa; imagem, retrato, principalmente em vulto, ou relevo, como as que se cunham nas medalhas, ou no dinheiro, representando o soberano reinante. ¹¹ § 212. *Obs.* ¹² O possuidor, ou herdeiro de certos bens. ¹³ Que tem a cauda curta ou cortada. ¹⁴ § 1,278). ¹⁵ Cuidado, attenção. ¹⁶ Propria do outono, outonal. ¹⁷ Sibilava brandamente. ¹⁸ Caridosa. Aqui, este adjectivo é empregado por ironia. ¹⁹ Tormentos, torturas. ²⁰ Febre cujos accessos se repetem periodicamente de tres em tres dias. ²¹ Meio vivo. ²² Falta de arrimo, desamparo, abandono. ²³ § 130, *a.* ²⁴ § 213,3). ²⁵ Afflicção, adversidade. ²⁶ Casa, edificio velho e em ruinas. ²⁷ Arruinada, caída por terra. ²⁸ § 109, *a.* ²⁹ Romance antigo e velhas canções em que se narravam proesas, feitos d'armas ou empresas de cavalleiros andantes. ³⁰ Pastava. ³¹ § *c*, *Obs.* ³² Ostentação, luxo, magnificencia. ³³ Que apenas existe na imaginação.

90 — Elogio da musica (pag. 212 na 4.^a ed.)

Nas tribus mais selvagens¹ acham os navegadores innata² propensão³ para a harmonia⁴, e todos entoam

hymnos, ainda que barbaros, com certa cadencia; as leis das sociedades de remotas eras e as suas tradições vogavam oralmente em uma especie de rhythmo, e provavelmente se cantavam ao acompanhamento de instrumentos rusticos em sua origem, mas que, aperfeiçoados pelas gerações successivas, hoje encantam com suave consonancia os nossos ouvidos.

Se recorrermos aos tempos certos da historia, veremos⁵ principes e sabios honrarem⁶ com a sua applicação aquella arte divina: grandes capitães da antiguidade, e entre⁷ estes os imperadores romanos Tito, Adriano, e Alexandre Severo, cultivaram a musica; o nosso felicissimo D. Manuel lhe era muito affeioado, como pôde lêr-se na sua chronica por Damião de Goes, part. 4.^a, cap. 84; o sr. D. João IV foi perito compositor de solfa, e d'elle diz um seu ministro, Antonio de Sousa Macedo:—«Sendo continuo nos conselhos e despachos dos negocios, todos os dias depois de jantar tomava uma hora de allivio (regra dos que sabem trabalhar), e este era exercitar e ensinar os seus musicos, que tinha muito escolhidos, e quasi sempre em canto dos officios divinos, para que seu exercicio em tudo fosse louvavel.» — A nossa nação tem bom ouvido e muito gosto musical; e por isso já noutra tempo dissera o auctor da Bibliotheca hispana: «*os portuguezes reinam na musica e poesia, como levados de admiravel propensão de animo ou de enthusiasmo.*» Elogio este não suspeito, por sair d'um estrangeiro, vizinho e rival.

A musica até a seu favor tem a auctoridade dos santos. Santo Isidoro disse que era tão desairoso não saber musica como não saber letras; e Santo Agostinho affirma que ella favorece as sciencias, renovando as forças do entendimento para o estudo.

Vamos agora ao sentimento natural pedir novas provas da influencia da musica, com que, se é possível, mais auctorizada a deixemos.—Olhae para o berço da creança de poucos mezes; chora, porque a en-

trada do homem no mundo é com lagrimas; se a mãe, enfadada, ralha e ameaça, copioso e continuo é o choro da creança; mas, se lhe entôa a costumada cantiga, ella se calla e em paz adormece no regaço da innocencia. — Tão certo é que o coração humano, ainda nessa idade, em que a razão está latente, mais se leva com branduras do que com rigores; tão efficaz é o poder da harmonia, por singelos ou monotonos ⁸ que pareçam os sons a mais cultos ouvidos! — Consultae o mesmo sentimento natural num povo camponez e rustico, para o que manifestae-lhe as galas da poesia, os donaires da eloquencia, os attractivos da pintura, a industria das artes fastosas, as bellezas da architectura; achareis que, privado de gosto e illustração, ouve sem comprehender, vê sem admirar, permanece insensivel ou indifferente e desconhece aquelles prazeres: cantae-lhe porém agradaveis arias, tocae-lhe sonatas ⁹ harmoniosas, vereis como desperta do lethargo, como presta attenção: por isso quotidianamente, quando a estrella vespertina ¹⁰ torna a brilhar no horizonte, vereis os habitantes dos casaes e aldeias recolherem-se ¹ ao largar ¹¹ do trabalho, cantando, e os pastôres, ao reconduzir os gados a seus apriscos, modulando nas avenas e pifaros. Ao mundo irracional se estende o poder da harmonia. Abre a aurora as portas ao dia, acorda a natureza: reanimados com ¹² a luz, os passarinhos annunciam e saudam o esplendor do sol com seus amorosos gorgeios: começam suas endeixas ¹³ com ¹⁴ o dia, e até pelas ¹⁵ horas nocturnas as prolonga o rouxinol, solitario cantor dos bosques; quando as sombras impõem silencio, ainda o echo vigia ¹⁶ com a saudosa avezinha.

Antonio Feleciano de Castilho (1800-1875).

¹ que vive nas selvas, ou bosques (L. *silva*, floresta). Ctr. civilisado, polido, policiado. Compare:

selva, atico, -oso, -agem, -agismo, -ageria, -ajaria;
silv-» » » -ado, -edo, -eira, -estre, silvicultura (cultura das mattas), Silvano (divindade dos bosques).

² que nasce com o individuo: que possuímos desde o nascimento. Syn. ingénito. Ctr. adquirido. Pref. *in*, em, dentro (não confundir com o pref. negat. *in*) e *nato* (cp. *nado*, § 89 a). Cp.:

$$\text{nat-}o,-io,-al (+icio),-iv \left\{ \begin{array}{l} o \\ idade \end{array} \right\} ur \left\{ \begin{array}{l} a \\ al \\ eza \end{array} \right\} + \left\{ \begin{array}{l} ista \\ idade \\ isa+ \\ ismo \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} r \\ ção \end{array} \right\}$$

ag- » » -icio
 cog » » -atico; sobrenatural, desnaturado,-al (+isar). Nado, agnado, cognado, nadv-o,-el. Nação, agnação, nacional (+isar), internacional (*inter* entre), antinacional (G. *anti*, contra. Cp. antipapa, antipoda, antipathia, antidoto, etc.) ³ Inclinação, tendencia, vocação, disposição (pref. *pro*, para deante, e v. L. *pendere*, p. p. *pensus*, pendurar; estar pendurado). Cp., *pend-er*, -ente,-encia,-or,-ula,-ulo,-ular,-urar, -erucalho,-uricalho, perpendicular (+idade), suspender, suspens-o, -ão, -ivo, -orio, pensil. ⁴ Em todo este trecho, *harmonia*, é empregada no sentido de *musica*. ⁵ § 228. ⁶ § 237, b. ⁷ § 151, Obs. ⁸ Que não tem variação, uniformes, que são sempre no mesmo tom. (*Monos*, pref. greg. que indica a unidade e *tonus* (Lat.) que significa tom). ⁹ peça de musica instrumental, composta de tres ou quatro trechos de caracter differente. É palavra italiana e vem do L. *sonare*, soar. ¹⁰ Véspero é o planeta Venus quando apparece á tarde. Vespertino, relativo á tarde ou ao Vespéro. Estrella vespertina, o planeta Venus, ou estrella da tarde. ¹¹ § 135. ¹² § 177, 2). ¹³ Por ext. canto, gorgeio, trinado. ¹⁴ § 177 a. ¹⁵ § 162, c. ¹⁶ está desperto.

91 — A costureira e o pintasilgo morto
 (pag. 203 na 4.^a ed.)

Tu, cujas azas tremulas
 O meu olhar tornava,
 Cujo trinado ¹ harmonico
 Meus dias alegrava,

Ai, já não ouves! — Chamo-te,
 E é vão este chamar!
 Chegou a estação gelida ²:
 Foi para te matar.

Nunca me has-de esquecer ! Por bem seis annos,
 Companheira leal
 Tu me foste, avezinha,
 Meiga entre as meigas, desprezando os campos,
 Deslembrada da mãe, que, á noite, aninha³
 No movel canavial.

A ti, afeita a mim, afiz-me em breve ;
 Meu unico recreio
 Era brincar contigo.
 Ao veres-me encerrar no pobre albergue⁴,
 Gorgeavas, e o tedio⁵ o canto amigo
 Volvia⁶ em brando enleio⁷.

Meu amor te supria a liberdade ;
 Meus passos traduzias,
 Meu gesto, meu fallar ;
 Repetias-me o nome em teus modilhos⁸ ;
 Punhas-te a chilrear
 Quando sorrir me vias.

Oh ! que par ! Que viver sereno e santo !
 Estavamos tão bem !
 Nosso parco alimento
 Com a ponta da agulha eu moirejava⁹
 E dizia scismando : — o meu sustento
 É o d'elle tambem.

Sementes varias dava-te co'a alpista ;
 E, qual ramalhetinho
 Feito na orla do prado,
 Á 'splendida gaiola atar me vias,
 Para debique¹⁰ teu, de erva um punhado,
 De alface um terno olhinho . . .

Se ao menos fosse licito
 Saberem que pranteio ! . . .
 Ai, foi em dia identico
 Que teu adejar¹¹ veiu

Fazer brilhar o jubilo ¹²
 Neste triste aposento,
 Onde, em saudosa magua ¹³,
 Sósinha te lamento!

Alexandre Herculano (versão d'uma poesia de Lamartine).

¹ Trillo, gorgueio. ² O inverno. ³ Recolhe-se, faz ninho. ⁴ § 156, b). ⁵ Aborrecimento, fastio. ⁶ Tornava-se. ⁷ No sent. fig.: encanto, enlevo. ⁸ Musica ligeira, como geralmente é a das cantigas populares. ⁹ Trabalhava muito e sem descanso, como um moiro. ¹⁰ Debique é o acto de debicar. Debicar, no sentido proprio, é tirar ou puxar com o bico. ¹¹ Bater, mover, agitar as azas para se manter em equilibrio no ar. Tambem significa: dar pequenos e repetidos vôos sem direcção certa; esvoaçar. ¹² Alegria. ¹³ Tristeza; dôr.

92 — Saudades (pag. 222 na 4.^a ed.)

Áquella hora, os caçadores chegavam á Lomba da Samardan, onde as gallinholas se emboscam nas ramarias dos córregos ¹ socavados pelos enxurros que, no inverno, esbarrondam ² do espinhaço da serra. O sol queimava. Eram as ultimas calmas de fins de agosto. As urzes mosqueadas de laminações oscillantes ³ coadas pelos azinhaes ⁴ e medronheiros, esfarellavam as suas florescencias roixas resequidas.

Guilherme, fatigado por duas estiradas leguas no trilho escabroso da serrania, já não podia acompanhar o passo firme, rapido e incansavel do padre João. Deixou-o galgar a garganta ⁵ da Lomba, com a perdigueira adeante a fariscar, e sentou-se á beira de um relvêdo muito sombrio, perolado ⁶ das camarinhas ⁷ do orvalho.

Os meandros de agua, descaindo a fio, alimentavam aquella refrigerante alfombra, como oásis ⁸ naquelle sargaçal ⁹ tosado ¹⁰ pelos rebanhos das ovelhas. Os fios da agua escorriam confluentes ¹¹ um pouco abaixo, encanados por folhas de castanheiro que os pastores agei-

tavam em bica de fonte, onde bebiam. Ahi, a agua estancava¹² e alastrava-se em uma lagoazinha limosa onde coaxavam alternadamente as rãs, quando á volta d'ellas se fazia uma quietação tranquilla e desassustada.

Reclinado sobre o braço direito numa somnolencia de pesadello, Guilherme reatava os elos da sua cadeia de tristezas, que, raras horas, de dia e de noite se desatava. A soledade era-lhe sempre funesta¹³. Nunca das suas meditações lhe ficara na alma um sedimento¹⁴ de esperança que o alentasse—esperança que acompanha os maiores desgraçados como uma zombaria agradavel e adorada, até que se esconde d'elles por traz da sepultura. A elle, nem isso. Quando alongava olhos da alma até ao horizonte do seu porvir, acastellavam-se nuvens sobre nuvens negras, uma barra de ferro, tudo noite caliginosa de sol a sol.

Mas, naquella hora, ao fundo da sua desventura, tinham estillado¹⁵ umas gottas do balsamo da imaginação — as lagrimas da poesia, mixto de amargura da terra e de nostalgia¹⁶ do céu.

Vinham de longe, do descampado Valle de Aguiar, toadas lugentes¹⁷ de um dobre a finados. Ah! que triste! Quando se tem coração, lá nas solidões das montanhas, a gente sente-o arfar de dôr, batido por aquelles soluços do bronze. Quem teve caricias de mãe e a providencia de um pae, escuta-os nesse gemer ondulado dos presbyterios, chora, e deseja morrer.

Guilherme refugira de si, da sua zona tenebrosa para outra existencia que o alumiasse. Valêra-se da Fantasia¹⁸, que é ás vezes a Beatriz do florentino¹⁹, a guía divina na espiral dos circulos infernaes.

Espertára-o d'este enleio o cantar²⁰ de uma pastora que não via. As ovelhas alcandoravam-se²¹ nos algares²² da encosta que lhe ficava em frente: mas elle tambem não via a pegureira, que se resguardava do sol no recesso²³ de umas fragas alcantilladas. A melopéa era a das cantilenas, á desgarrada²⁴, das pro-

vincias do norte, que lá em cima nos ecos das montanhas vibram como os gemidos de uma saudade imensa. A letra dizia assim :

Ó fonte, que estás chorando,
 Não tardarás a seccar :
 Mas os meus olhos são fontes
 Que não param de chorar.

Ai ! triste da minha vida,
 Ai ! triste da vida minha !
 Quem me dera ir contigo
 Onde tu vaes, andorinha.

Rouxinol canta de noite,
 De manhã a cotovia ;
 Todos cantam, só eu choro
 Toda a noite e todo o dia.

Ó aguia, que vaes tão alta
 Por essas serras d'além,
 Leva-me ao céu, onde eu tenho
 A alma da minha mãe.

Guilherme não ouvira claramente as trovas ²⁵ todas; mas a ultima decorou-a verso a verso, porque a voz da cantora modulára ²⁶ pausadamente as palavras com uns requebros mais demorados e gementes :

Leva-me ao céu, onde eu tenho
 A alma da minha mãe.

Elle tinha perdido a sua, muito na infancia ; mas lembrava-se de a vêr viva, e muito mais se recordava de a vêr morta sobre uma eça, na sala de visitas, ladeada de tochas. O pae tinha-o pela mão, e estava de joelhos. Algumas pessoas, vestidas de preto, levantaram-lhe o pae pelos braços, e tiraram-no ²⁷ á força

d'aquella sala. Recordava se d'isto, com os olhos vidrados²⁸ por lagrimas de saudade nunca sentida tão pungentemente. Era o dobre a finados no valle d'Aguiar; era o tom mesto²⁹ das cantigas da pastora: ao longe, o azulado remoto das montanhas do Douro; depois o verdejar indeciso das pradarias da velha Panoyas, envoltas nas neblinas da calma; o castello de S. Thomé, um morro³⁰ pyramidal que topetava³¹ no céu com o vertice³², como um pilar do firmamento; uma nuvem cinzenta mensageira da trovoada que já reboava na ultima cortina³³ das serras; e d'um castanhal cerrado, lá em baixo na chã³⁴, saía o arrulhar³⁵ de rôlas que imita o gemido estertoroso³⁶ dos agonisantes.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ Caminho estreito entre montes. ² caem de despenhadeiro, precipitam-se. ³ que se movem alternativamente em sentidos oppostos. ⁴ terrenos plantados de azinheiras. A azinheira ou azinho, é uma arvore do genero dos carvalhos. ⁵ passagem estreita e apertada entre duas montanhas. ⁶ coberto de gottas pequenas como perolas. ⁷ no sent. propr. fructos da camarinhira ou urze das camarinhas. Estes fructos, redondos e muito pequenos, imitam perolas, por isso se diz (*fig.*) as camarinhas do suor. ⁸ porção de terreno coberto de vegetação, formando uma como ilha no meio de um deserto arido. Por ext. Espaço fertil num vasto terreno arido. ⁹ terreno onde nascem sargaças. Não confunda com sargaço, que é uma alga marinha. ¹⁰ tosar no sent. propr. é tosquiar animaes lanigeros ou que produzem a lã. Por ext. significa roer. ¹¹ veja o n.º 17, nota 15. ¹² ficava estanque, ou estagnada, não corria. ¹³ veja o n.º 40, nota 3. ¹⁴ no sent. propr. deposito produzido pela precipitação de materias dissolvidas ou suspensas num liquido. Fig. resto. ¹⁵ gottejando. ¹⁶ saudades da patria e desejo de voltar a ella. ¹⁷ tristes, plangentes. ¹⁸ imaginação. ¹⁹ allude ao Dante, principe dos poetas italianos, que nasceu em Florença em 1265 e morreu em Ravena em 1321. A sua obra principal é a *Divina Comedia*. ²⁰ § 222. c. ²¹ empoleiravam se. Vem de *alcandora* (o accento tonico na 2.ª syll.) que é o poleiro do falcão. ²² barrancos, despenhadeiros. Tamb. significa caverna, concavidade subterranea, cova. ²³ lugar remoto e afastado, retiro. ²⁴ cantiga popular improvisada, ao desafio: *cantar á desgarrada*. ²⁵ composição poetica, vulgar e ligeira. ²⁶ modular é tocar ou

cantar com variado tom. ²⁷ § 58, c. ²⁸ fig. embaciados. ²⁹ triste. ³⁰ outeiro, monte. ³¹ topetar é ascender, subir á maxima altura. (Vem de *topete*). ³² pinaculo, summidade, cume, apice. ³³ fig. renque, fileira. ³⁴ planice, chão. ³⁵ rolar (como fazem os pombos e as rôlas): gemer. ³⁶ proprio do estertor, que é o ronquido dos moribundos, produzido pela dificuldade de respirar.

93 — A justiça de Castella (pag. 365 na 4.^a ed.)

Um dia numerosa cavalgada
 Apeia-se ao portão,
 Limpa-se da poeira, sóbe a escada,
 Entra pelo salão.
 — « O senhor D. Martinho d'Aguiar ? » —
 — « Eu sou — lhe diz o ancião ;
 Levanta-se e corteja. —
 A quem me cabe a honra de fallar ? » —
 — « Justiça de Castella. » —
 — « Bem vinda seja ella ;
 E a justiça de mim o que deseja ?
 Assentae-vos, senhores ; nós, os velhos,
 Temos o triste jus da nossa idade ;
 Dão-nos a lei os tremulos joelhos.
 Sentae-vos e dizei. »
 Acercara-se o alcaide, e em voz pausada
 Disse :
 — « Em nome d'El-Rei !
 Como pae de D. Jayme d'Aguiar,
 Que é réu d'alta traição,
 Tendes vossa fortuna confiscada.
 Podei-la resgatar,
 Se, vassallo fiel e obediente,
 O entregardes á justa punição. »

Como chama de um raio, de repente
Se apruma o velho tremulo, cançado ;
Faisca-lhe nos olhos fogo irado,
No rosto se lhe accende a indignação.

— « Mentis — lhe bradou convulso ;
Mentis, senhor D. villão,
Ou não tendes coração,
Ou não lhe pedis conselho ;
El-Rei de Castella é nobre,
Não manda insultar um velho ;
Póde mandá-lo ser pobre,
Matá-lo á mingua de pão ;
Mas mandar que um pae lhe entregue
Seu proprio filho ?!... isso não.
Em nome d'El-Rei?... mentistes,
Senhor alcaide villão.» —

— «Mais conta em vós, D. Martinho;
Que estaes na casa d'El-Rei !» —

— « Na vossa, lobos famintos,
Bandidos sem fé, nem lei ;
Farte-se a Hespanha inclemente
Do povo no sangue quente,
Na carne da morta grei.
Portugal é lauta boda
Onde come a Hespanha toda ;
Lobos famintos, comei.
Nesse guarda-roupa além
Pende uma farda rasgada
De muito golpe cruzada ;
Essa, sim, mandae-a ao rei ;
Valor para vós não tem :
Rirá della a côrte nescia,
Como da insignia d'um louco ;
Porém, se a encarar um pouco,
O duque d'Alba, conhece-a.
Tive uma espada tambem...
Ai ! mas essa, ha quasi um anno,
Dei-a a meu filho Germano,

Que, ajoelhando a meus pés,
Pela derradeira vez
A mão paterna beijou,
Nem já sei onde elle pára,
Que a Hespanha de tudo avára,
De Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
Perque lançar mais amarras,
Se perdeu dentes e garras,
Os filhos, o tecto, e o pão?
Eu já saio; antes porém,
Minha filha, o meu abrigo,
Deixae que a leve comigo...
Se a não confiscaes tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Daes licença aos meus creados?
São meus amigos provados;
Entrae, rapazes, entrae...
Que é isto! prantos aqui?...
De pranto as faces banhadas...
Não envergonheis assi
As minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
Por tão pouco os ais e o lucto!
Mostrae sempre o rosto enxuto
E a fronte lisa; valor!
Eis-me pobre: tenho apenas
Nesta bolsa alguns cruzados,
Que nem supprem meus desejos,
Nem pagam vossos cuidados.» —
—«Nada nos deveis, senhor!» —
Bradam em côro os coitados.
—«Não vos quero envergonhar,
Nem já isto é meu agora;
Mas á fé que ha-de raiar
Depois da noite uma aurora
De tremenda punição.
Logar á magra cubiça,

Que se vestiu de justiça,
 E traz a vara na mão ;
 Tome esta esmola a avareza,
 Pois quem leva as victualhas
 Limpe tambem as migalhas
 De cima da nossa meza.» ---
 E arremeçou-lh'a ao chão.

Thomaz Ribeiro (*escriptor contemporaneo*).

94 — A locução «ter logar» (pag. 231 na 4.^a ed.)

Enoja, por mui repetido e escusado ¹, o gallicismo ² *ter logar* (*avoir lieu*) de que hoje se está usando na escripta e na conversação, quando nós temos verbos para empregar com variedade, em vez d'essas duas palavras, que, de mais a mais, em bom portuguez, se usam noutra accepção.

Temos por exemplo: *realisar, effectuar, ou effectuar, occorrer, succeder, acontecer, haver, celebrar*, com os quaes, segundo pedir o caso que houvermos de referir, escreveremos com pureza e propriedade.

Pega-se ³ em qualquer jornal, e é infallivel encontrar logo: *teve logar* esta noite um grande incendio ; *teve logar* outra batalha ; *teve logar* a representação ; *teve logar* uma desordem ; *teve logar* a sessão ; *teve logar* o consorcio, o baile, o enterro, etc., etc.

Nos documentos officiaes do «Diario» ⁴ a mesma lenga-lenga. Despachos que *tiveram logar* no mez de tal ; *teve logar* a sessão real ; *terá logar* o cortejo no paço ; *terá logar* o concurso ; *terá logar* a arrematação ; *teve logar* a audiencia, etc., etc. De sorte que parecemos uma terra de logarejos, onde se não dá um passo nem pratica acto, sem *ter logar* á vista !

Pois não é melhor dizer portuguezmente: Despachos que *houve*, que se *expediram* ⁵, que se *proferi-*